

Paolo Uccello, pintor
marcel schwob

Paolo Uccello, peintre Marcel Schwob, 1896

Copyright da tradução © Cultura e Barbárie, Daniel Lühmann e Fernando Scheibe, 2015

Revisão técnica Dominique Nédellec

PROJETO GRÁFICO MARINA MOROS

IMAGENS

Páginas quatro a trinta e cinco: PAOLO UCCELLO

Páginas trinta e sete e trinta e nove: ALBRECHT DÜRER

SC415p Schwob, Marcel, 1867-1905

Paolo Uccello, peintre / Marcel Schwob; tradução Daniel Lühmann,
Fernando Scheibe - Desterro [Florianópolis] : Cultura e Barbárie, 2015.
40p.: il.

ISBN: 978-85-63003-29-4

1. Literatura francesa. I. Título. II. Autor.

CDD: 840

Cultura e Barbárie Editora

CONSELHO EDITORIAL Alexandre Nodari, Flávia Cera, Fernando Scheibe, Leonardo D'Ávila, Marina Moros e Rodrigo Lopes de Barros

www.culturaebarbarie.com.br - contato@culturaebarbarie.com.br

Florianópolis/SC

COORDENAÇÃO EDITORIAL Marina Moros

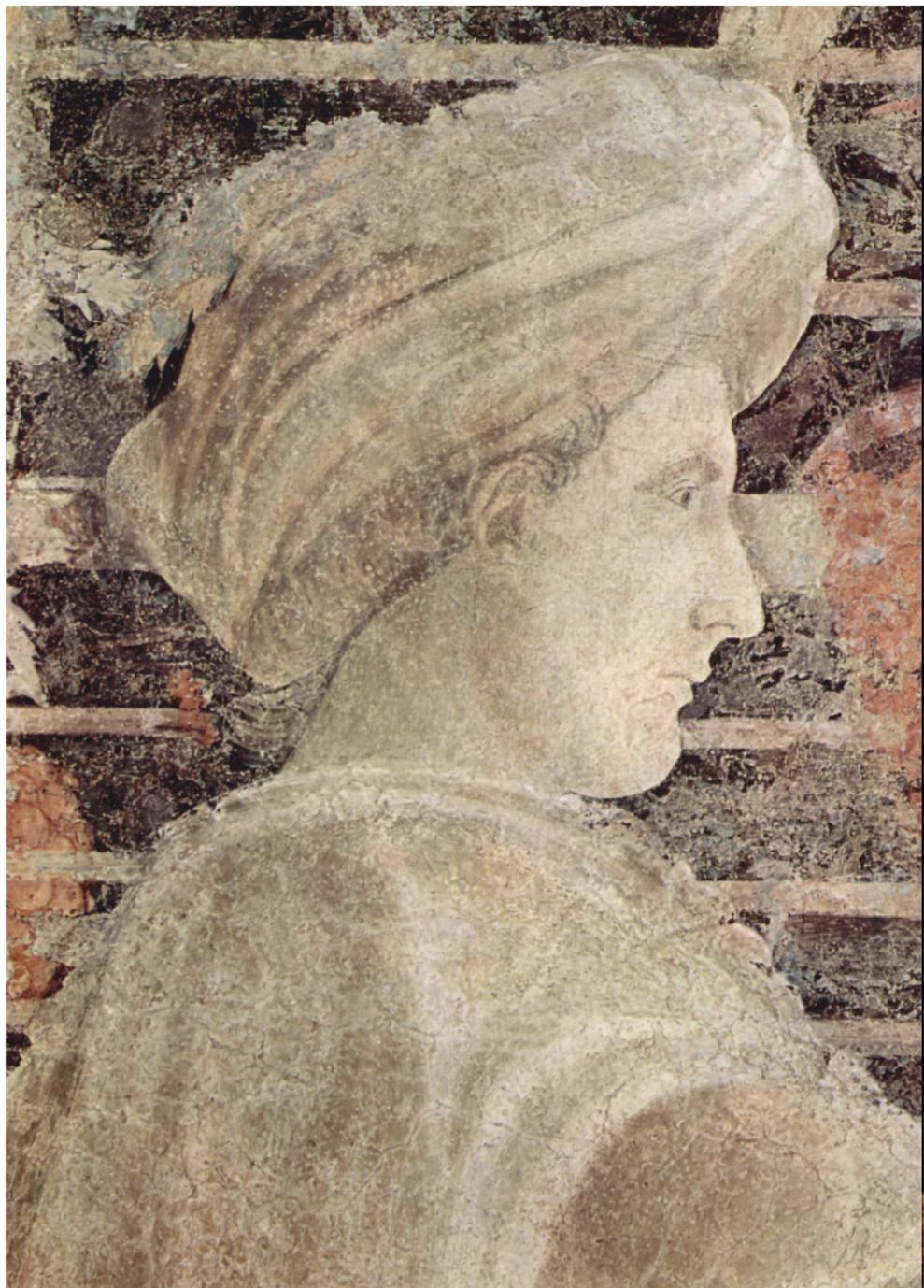


Paolo Uccello, pintor
marcel schwob

TRADUÇÃO
Daniel Lühmann e
Fernando Scheibe



Cultura e Barbárie
Desterro, 2015





Seu nome, na verdade, era Paolo di Dono; mas os florentinos o apelidaram de Uccelli, ou Paulo dos Pássaros, por causa do grande número de pássaros figurados e bichos pintados que enchiam sua casa: pois era pobre demais para alimentar animais ou providenciar aqueles que não conhecia. Dizem até que em Pádua ele executou um afresco dos quatro elementos, e deu ao ar como atributo a imagem do camaleão.



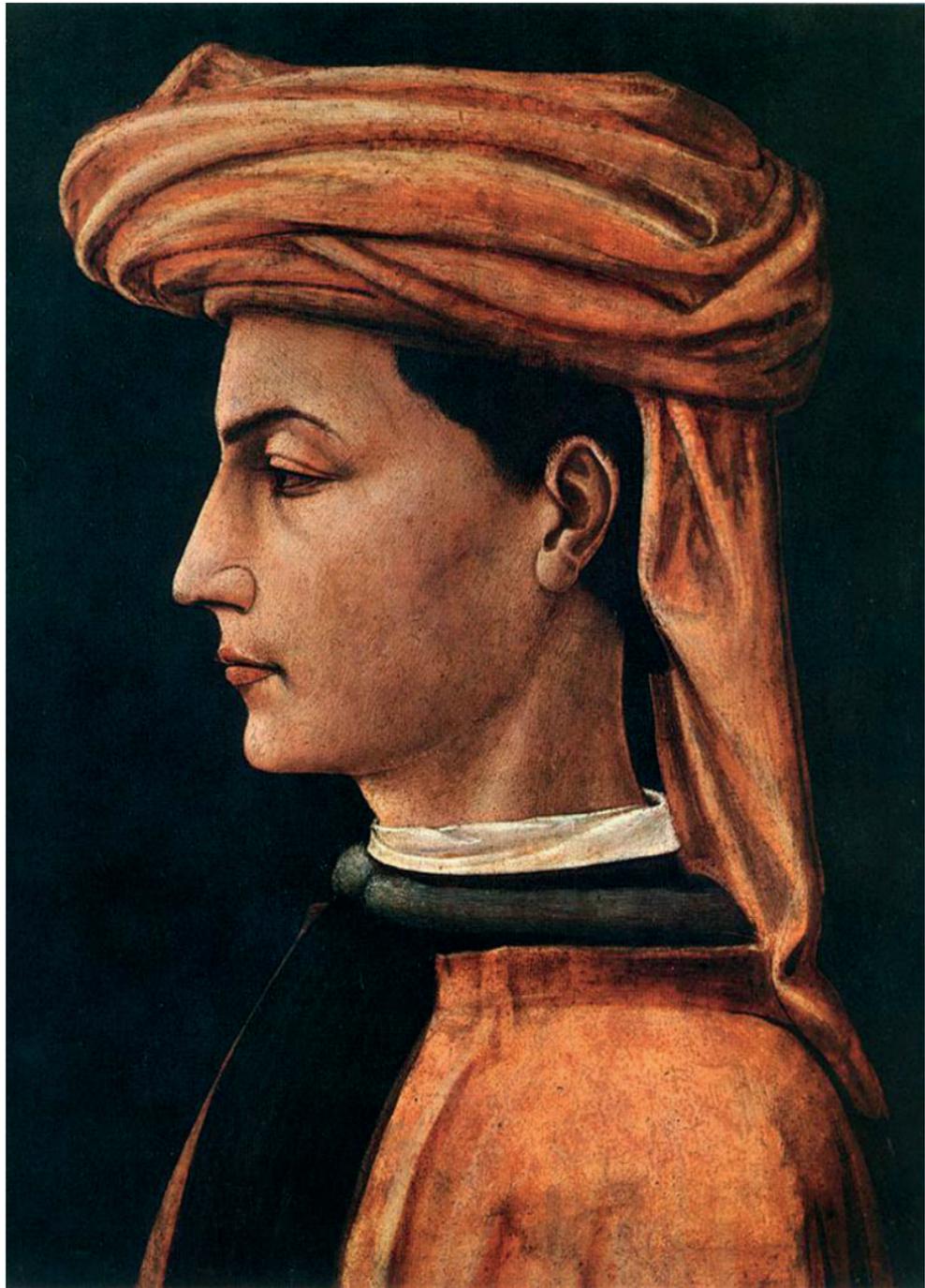


Mas nunca tinha visto um, de modo que o representou como um camelo barrigudo de goela escancarada. (Ora, o camaleão, explica Vasari, é parecido com um pequeno lagarto seco, ao passo que o camelo é um enorme bicho desengonçado.) Pois Uccello não dava a mínima para a realidade das coisas, o que o interessava era a multiplicidade delas e o infinito das linhas; e foi assim que fez campos azuis, e cidades vermelhas, e cavaleiros vestidos de armaduras negras sobre cavalos de ébano com a boca em chamas, e lanças dirigidas como raios de luz a todos os pontos do céu.

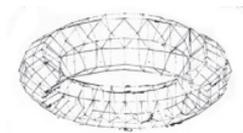


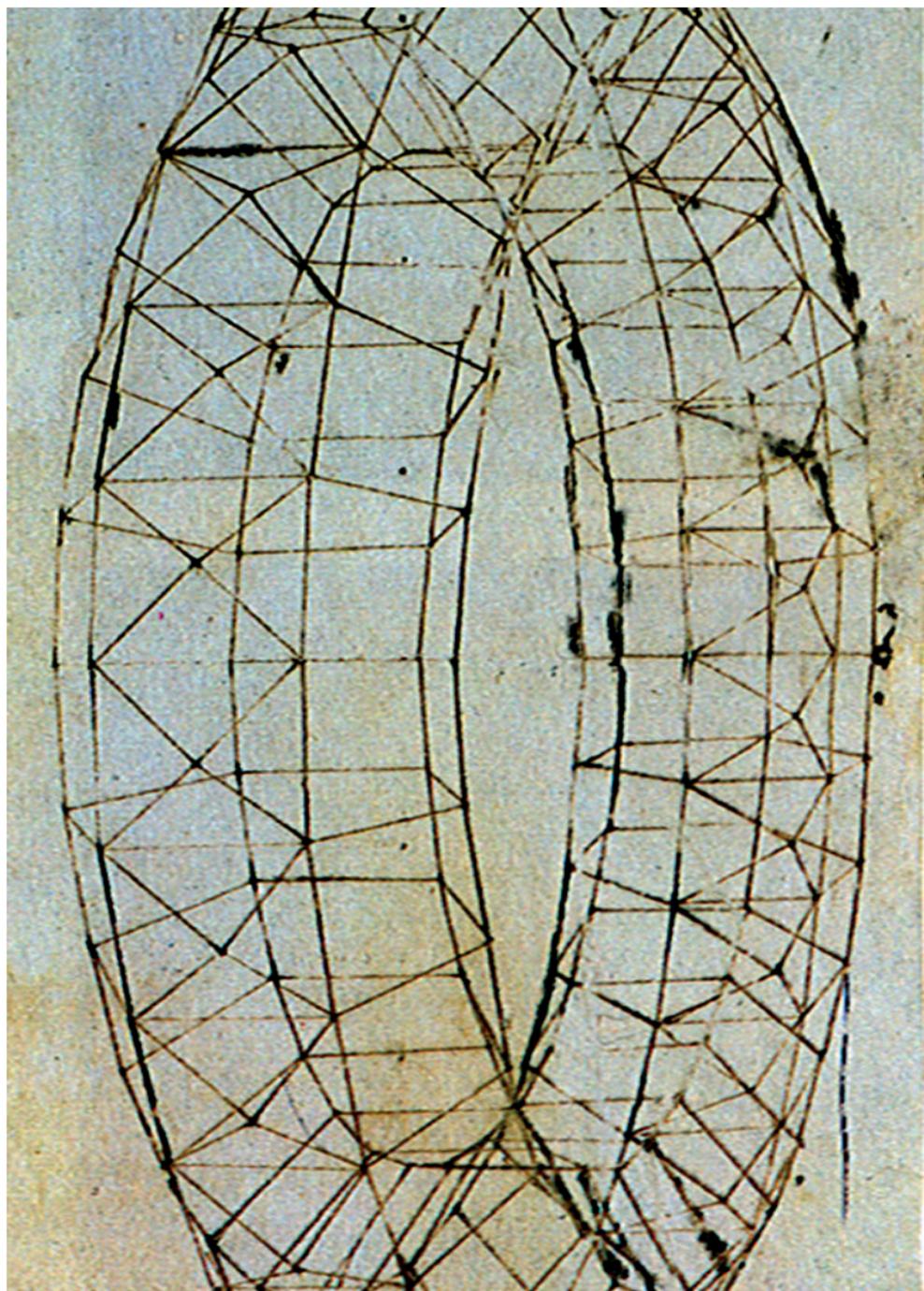
E tinha o costume de desenhar *mazzocchi*, que são círculos de madeira revestidos de tecido e colocados sobre a cabeça, de maneira que as dobras do pano jogado para trás circundam todo o rosto. Uccello figurou alguns deles pontudos, outros quadrados, outros ainda multifacetados, dispostos em pirâmides e em cones, seguindo todas as aparências da perspectiva, de tal modo que encontrava um mundo de combinações nas pregas de um *mazzocchio*. E o escultor Donatello lhe dizia: “Ah! Paolo, trocas a substância pela sombra!”



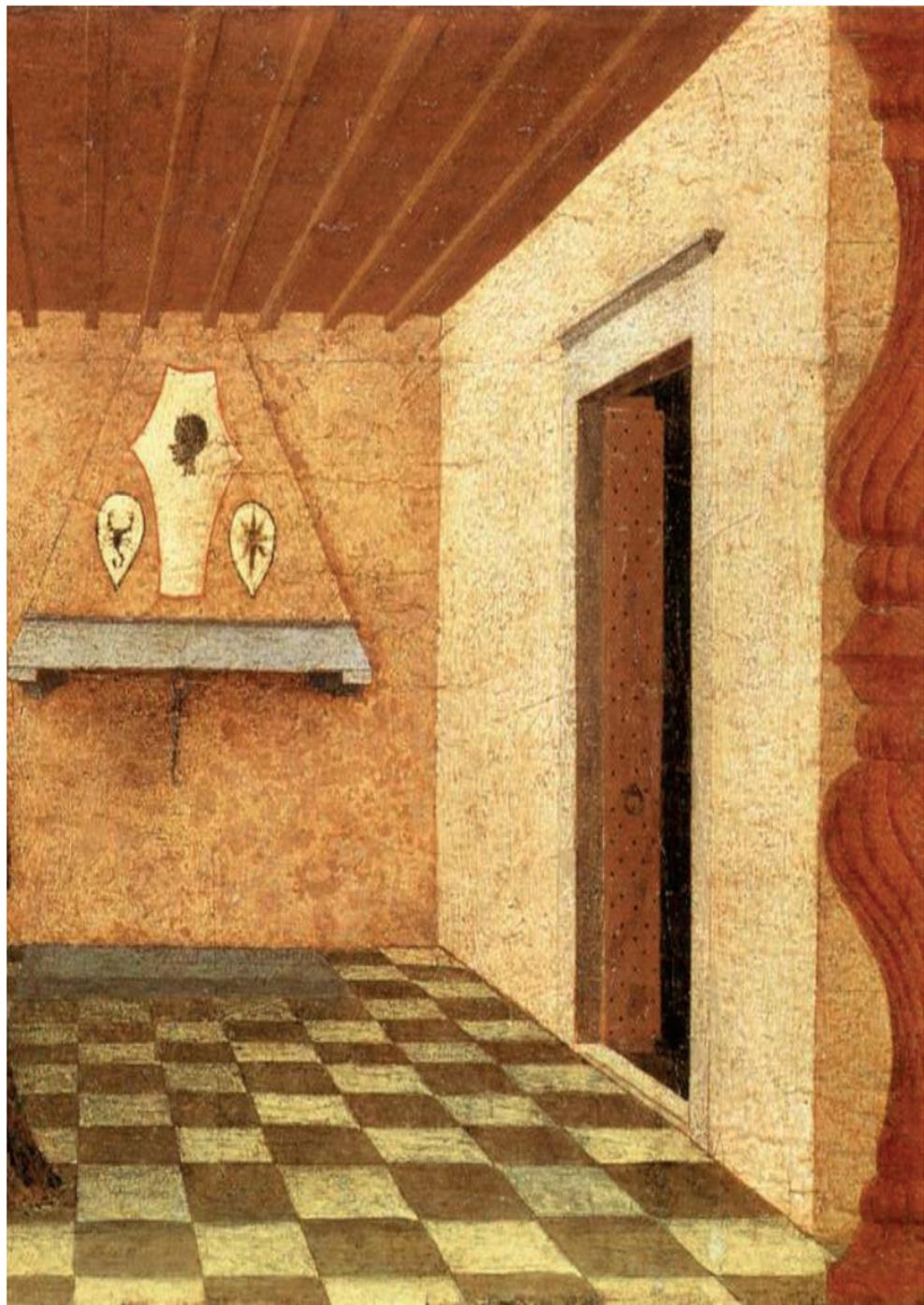


Mas o Pássaro continuava sua obra paciente, e compunha os círculos, e dividia os ângulos, e examinava todas as criaturas sob todos seus aspectos, e ia perguntar a interpretação dos problemas de Euclides a seu amigo, o matemático Giovanni Manetti; então se trancava e cobria seus pergaminhos e tábuas com pontos e curvas.



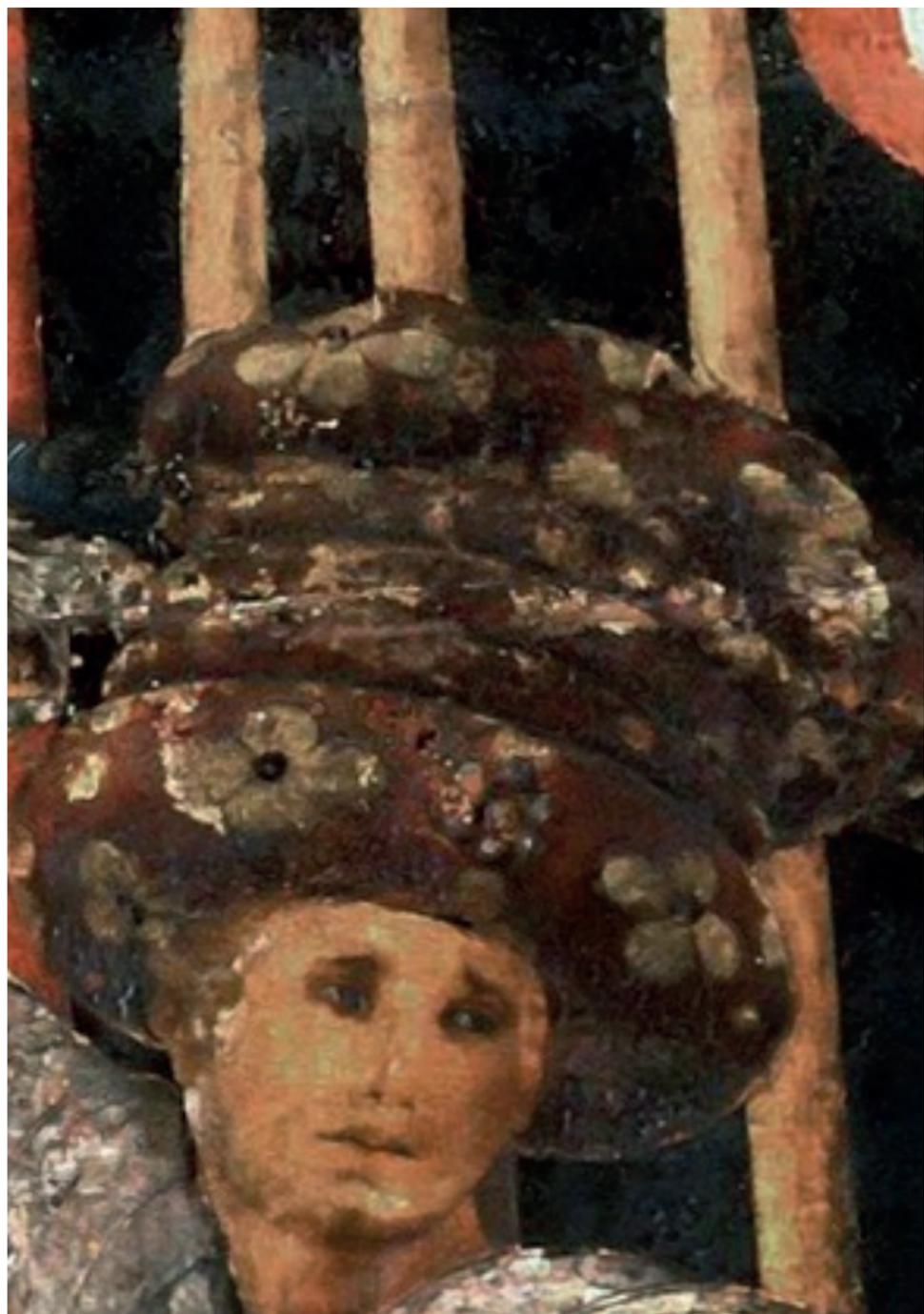


Aplicou-se perpetuamente ao estudo da arquitetura, no que contou com a ajuda de Filippo Brunelleschi; mas não tinha a mínima intenção de construir. Limitava-se a observar as direções das linhas, desde as fundações até as cimalthas, e a convergência das retas nas suas intersecções, e a maneira como as abóbadas viravam em suas chaves, e o escorço em leque das vigas que pareciam se unir na extremidade das longas salas. Representava também todos os bichos e seus movimentos, e os gestos dos homens, a fim de reduzi-los em linhas simples.

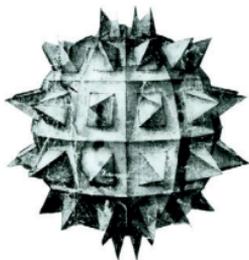


Em seguida, semelhante ao alquimista que se debruçava sobre as misturas de metais e órgãos e que espiava a fusão deles em sua fornalha para encontrar o ouro, Uccello derramava todas as formas no crisol das formas. Ele as reunia, e as combinava, e as fundia, a fim de obter sua transmutação na forma simples de que dependem todas as outras. Foi por isso que Paolo Uccello viveu como um alquimista no fundo de sua casinha.





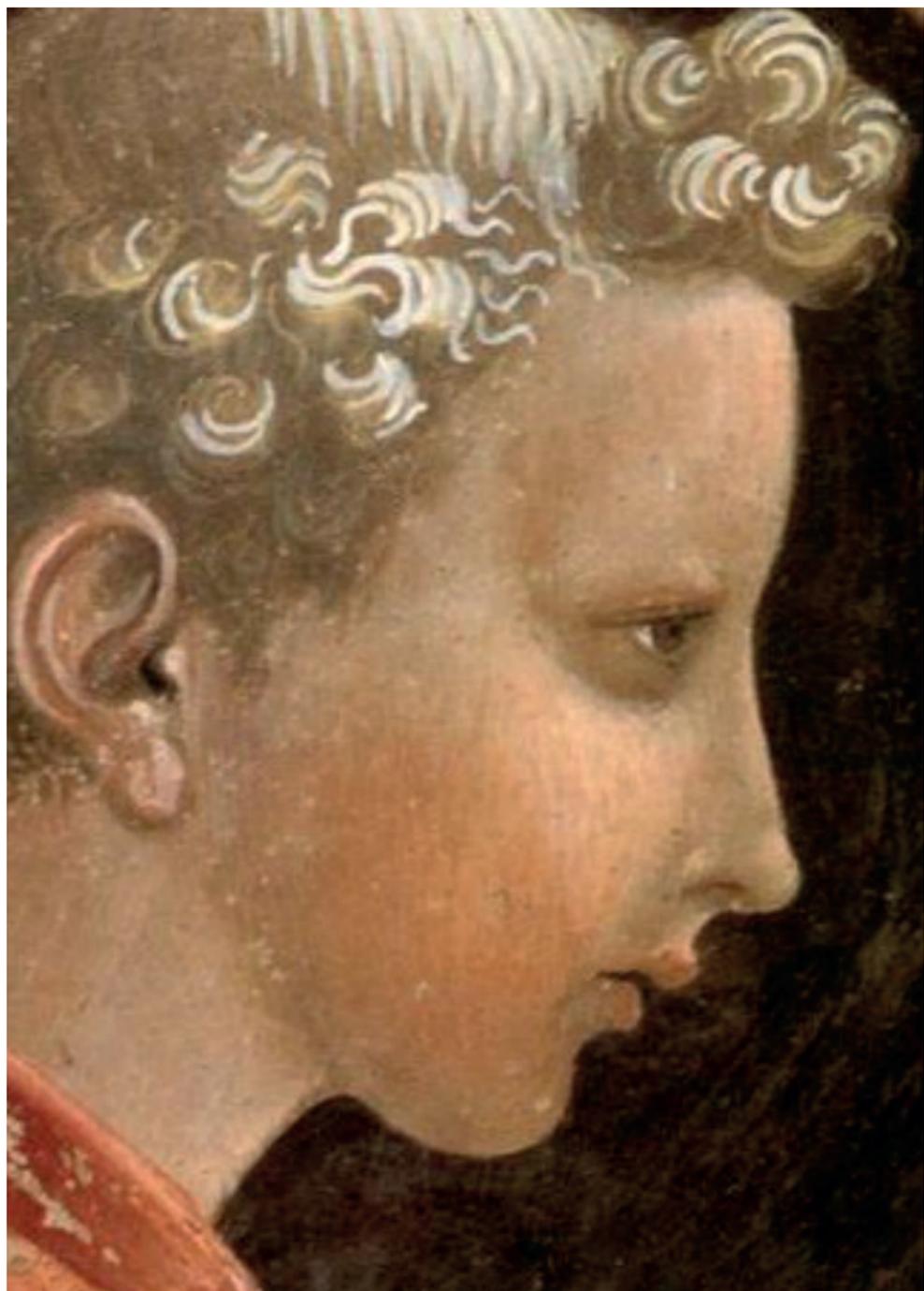
Acreditou que poderia converter todas as linhas num só aspecto ideal. Quis conceber o universo criado tal e qual ele se refletia no olho de Deus, que vê jorrarem de um centro complexo todas as figuras. Ao seu redor viviam Ghiberti, della Robbia, Brunelleschi, Donatello, cada um deles orgulhoso e senhor de sua arte, zombando do pobre Uccello e de sua loucura da perspectiva, lamentando sua casa cheia de aranhas, vazia de provisões; mas Uccello era mais orgulhoso ainda.





A cada nova combinação de linhas, esperava ter descoberto o modo de criar. Sua meta não estava na imitação, mas sim na potência de desenvolver soberanamente todas as coisas, e a estranha série de capuzes com suas pregas lhe parecia mais reveladora que as magníficas figuras de mármore do grande Donatello.





Assim vivia o Pássaro, e sua cabeça pensativa estava sempre envolta em sua capa; não se dava conta de nada do que comia nem do que bebia, mas assemelhava-se inteiramente a um eremita. Até que um dia, numa campina, perto de um círculo de velhas pedras afundadas em meio à relva, ele percebeu uma mocinha que ria, com a cabeça cingida por uma guirlanda. Ela vestia uma longa e delicada túnica atada à cintura por uma fita pálida, e seus movimentos eram flexíveis como os talos das plantas que arqueava.



Seu nome era Selvaggia, e ela sorriu para Uccello. Ele notou a flexão de seu sorriso. E quando ela o olhou, ele viu todas as linhazinhas de seus cílios, e os círculos de suas pupilas, e a curva de suas pálpebras, e os enlaces sutis de seus cabelos, e, em seu pensamento, fez a guirlanda que cingia a testa dela descrever uma infinidade de posições. Mas Selvaggia nada soube disso, porque tinha apenas treze anos. Ela tomou Uccello pela mão e o amou. Era a filha de um tintureiro de Florença, e sua mãe tinha morrido. Outra mulher viera para sua casa e batera em Selvaggia. Uccello levou-a para a sua.

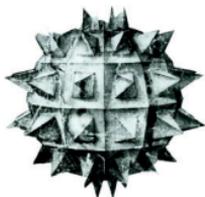


Selvaggia ficava agachada o dia inteiro diante da muralha sobre a qual Uccello traçava as formas universais. Nunca compreendeu por que ele preferia considerar linhas retas e linhas arqueadas a olhar para a terna figura que se erguia para ele. À noite, quando Brunelleschi ou Manetti vinham estudar com Uccello, ela adormecia, depois da meia-noite, ao pé das retas entrecruzadas, dentro do círculo de sombra que se estendia sob a lamparina.





De manhã, acordava antes de Uccello e se regozijava porque estava rodeada de pássaros pintados e bichos coloridos. Uccello desenhou seus lábios, e seus olhos, e seus cabelos, e suas mãos, e fixou todas as atitudes de seu corpo; mas nunca fez seu retrato como faziam os outros pintores que amavam uma mulher. Pois o Pássaro não conhecia a alegria de se limitar ao indivíduo; nunca permanecia em um só lugar: queria planar, em seu voo, acima de todos os lugares.



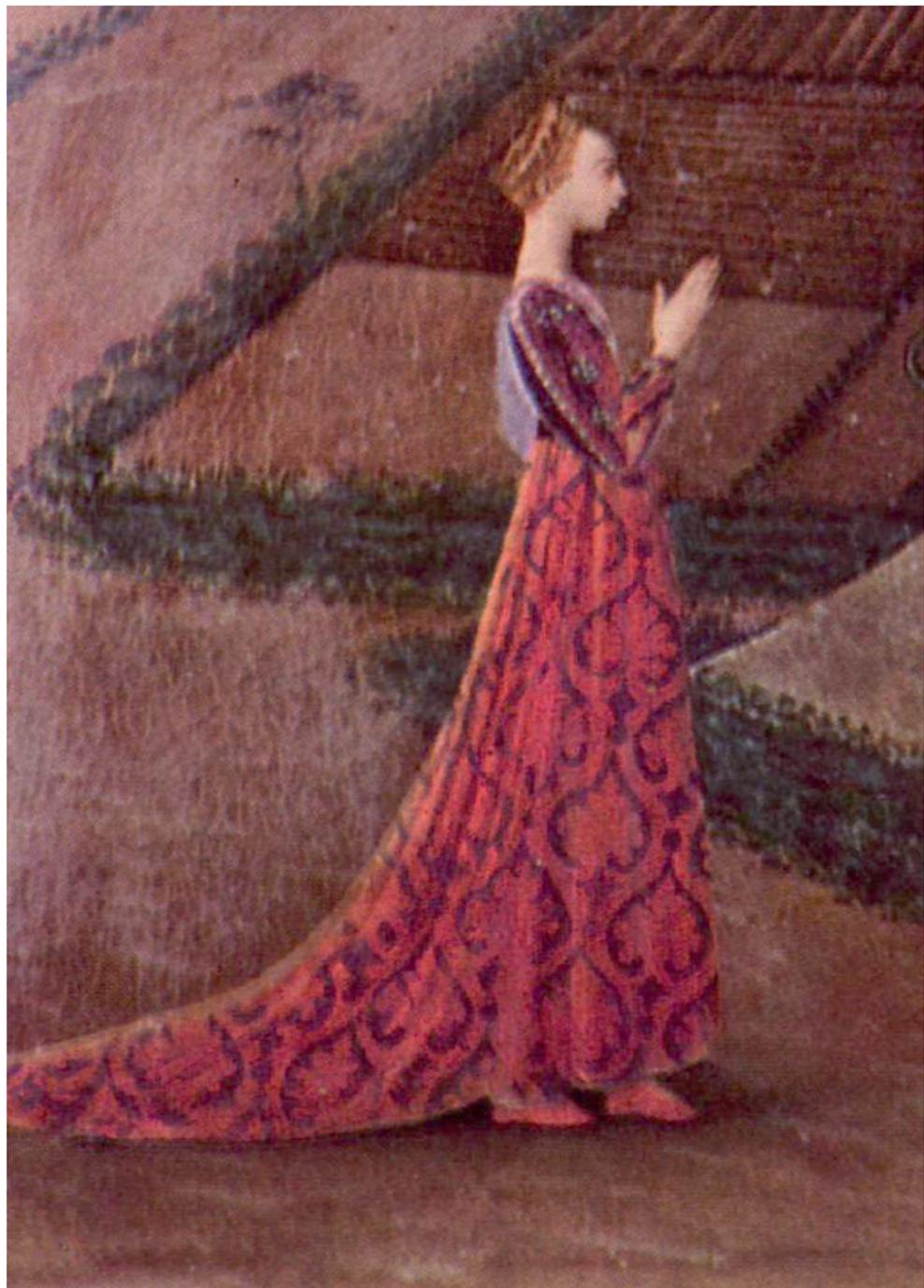


E as formas das atitudes de Selvaggia foram lançadas no crisol das formas, com todos os movimentos dos bichos, e as linhas das plantas e das pedras, e os raios da luz, e as ondulações dos vapores terrestres e das ondas do mar. E sem se lembrar de Selvaggia, Uccello parecia permanecer eternamente debruçado sobre o crisol das formas.





Enquanto isso, não havia nada para comer na casa de Uccello. Selvaggia não ousava dizê-lo a Donatello nem aos demais. Calou-se e morreu. Uccello representou o enrijecimento de seu corpo, e a união de suas mãozinhas magras, e a linha de seus pobres olhos fechados. Não soube que ela estava morta assim como não soubera se ela estava viva. Mas lançou essas novas formas entre todas aquelas que tinha reunido.



O Pássaro ficou velho, e ninguém compreendia mais seus quadros. Não viam neles mais do que uma confusão de curvas. Não reconheciam neles nem mais a terra, nem as plantas, nem os animais, nem os homens. Fazia longos anos, ele trabalhava em sua obra suprema, que escondia dos olhos de todos. Ela devia abarcar todas as suas pesquisas e era a imagem destas em sua concepção. Era São Tomé incrédulo, apalpando a chaga de Cristo. Uccello terminou seu quadro aos oitenta anos.



Chamou Donatello e descobriu sua obra piamente diante dele. E Donatello exclamou: “Oh, Paolo, cobre de novo o teu quadro!” O Pássaro interrogou o grande escultor: mas ele não quis dizer mais nada. De modo que Uccello soube que tinha realizado o milagre. Mas Donatello não tinha visto mais do que uma confusão de linhas.



is / D 24

E alguns anos depois encontraram Paolo Uccello morto de esgotamento sobre seu catre. Seu rosto estava radiante de rugas. Seus olhos, fixos no mistério revelado. Segurava na mão estritamente fechada um pequeno rolo de pergaminho coberto de entrelaçamentos que iam do centro à circunferência e da circunferência ao centro.



1517
A



Impresso em gráfica própria
e costurado manualmente

Desterro, inverno de 2015